

Vírus há mais de um ano em Barcelona?

Presença do coronavírus pandémico nas águas residuais implicaria a infeção em massa da população

VERA LÚCIA ARREIGOSO

varreigoso@expresso.imprensa.pt

Foi um tiro no escuro que fez grande ricochete: investigadores da universidade espanhola de Barcelona afirmam ter detetado o novo coronavírus numa amostra de águas residuais da cidade, congelada em março do ano passado. A conclusão mereceu críticas imediatas de centenas de cientistas em vários grupos nas redes sociais. Ter o coronavírus nos esgotos implicaria a infeção massiva da população, que a reduzida taxa de imunidade apurada, 5% no geral, nega.

“Tudo o que os autores do estudo fizeram está correto, a metodologia é a mais moderna e a mesma que utilizamos no Instituto Ricardo Jorge (INSA), mas interpretaram o resultado de forma errónea. Não se faz ideia da polémica que o artigo, ainda em fase de revisão científica, provocou”, diz João Paulo Gomes, investigador responsável pela área de genómica e bioinformática do INSA. “O valor da análise que apresentaram para afirmar que o vírus estava presente na amostra roça o limiar da razoabilidade, não foi repetido, não foi encontrado em mais

nenhuma amostra.”

Para o investigador que tem em mãos construir a árvore genética do novo coronavírus em Portugal há outra falha óbvia. “Seria indispensável concentrar uma quantidade de amostra suficiente para tentar sequenciar o vírus e traçar o perfil genético para perceber as diferenças face ao perfil do vírus identificado na China e assim entender as razões porque teria levado um ano a aparecer. E mesmo assim ainda seria necessário explicar como é que o vírus estava em águas residuais, implicando uma infeção massiva, quando a imunidade encontrada na população é de apenas 5%.”

Aos olhos da comunidade científica, a possibilidade de o novo coronavírus ter chegado à Europa no início de 2019 não faz sentido em termos biológicos nem de saúde pública. “Para o vírus aparecer nas águas residuais teriam de estar infetadas milhares de pessoas, e não seria possível esconder o aumento de doentes nas urgências ou nos cuidados intensivos. Este vírus é rápido”, sublinha. Ou seja, se em dois meses saiu da China e atingiu a Europa, mais teria feito num ano.

O bastonário da Ordem dos Biólogos, José Matos, chama a atenção para um dado concreto: “Antes da pandemia, o vírus nunca foi encontrado

noutras áreas de Espanha, em Itália ou noutro país, e a forma como vimos que alastrou a partir da China não bate certo com a possibilidade de estar em Barcelona há mais de um ano. As conclusões do estudo não estão de acordo com a realidade ecológica.”

“Se fosse verdade que Barcelona já tinha o vírus em 2019 em águas residuais teria existido uma pandemia”, garante Pedro Simas, virologista do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina de Lisboa. A única possibilidade, muito remota, seria “haver uma espécie animal a contaminar essas águas que não tivesse tido oportunidade de contaminar a espécie humana e que, por grande coincidência, também existia na China”, sublinha.

Sem mais provas, a comunidade científica acredita que a amostra positiva encontrada em Barcelona nada mais é do que uma contaminação e algum oportunismo. “Pode ter existido uma pequena contaminação de bancada, de materiais no laboratório, sobretudo se já tinham sido feitos muitos testes a pessoas positivas. Todos os laboratórios têm casos de contaminação, é comum e fácil de identificar, desde logo porque dá um resultado fraquinho, como foi o caso”, explica o investigador do INSA.

“Uma análise de um laboratório e de um caso isolado não

merece o destaque que teve, tanto que os autores não o fazem nas próprias conclusões”, sublinha o bastonário José Matos. “Se lermos as conclusões do estudo com atenção, o que os autores dizem é que é muito importante a análise de águas residuais. Ou seja, fazem uma promoção da sua atividade.”

Guerra comercial

A publicação precoce de estudos, sem a revisão científica por pares, banalizou-se desde o início da pandemia com a ânsia de dar respostas. “Em fevereiro já havia equipas a falar em vacinas quando todos sabemos que nenhuma vacina se consegue em dois meses”, afirma João Paulo Gomes, doutorado em microbiologia. Porque o fizeram? “Foi apenas uma tomada de posição comercial. A verdade é que em menos de um ano é praticamente impossível ter uma vacina.”

“Continuamos a saber pouco sobre este vírus e isso não é grave”, garante José Matos. “Para o bem e para o mal, há um excesso de informação e de quem tem opinião para tudo.”

A única possibilidade seria existir um animal nos esgotos que não tinha contaminado ninguém e que também existia na China